

Apresentação do Dossiê Produção, circulação e consumo de imagens produzidas em coletividade e a fabulação do comum

Gabriela Almeida

Angelita Bogado

Editoras Convidadas

Diante dos avanços tecnológicos que produziram alterações radicais nos modelos de realização audiovisual e, conseqüentemente, nos modos de circulação e consumo de imagens, nos vemos diante de uma paisagem midiática hipersaturada que convoca a uma reflexão minuciosa sobre as relações entre estética, política, partilha do sensível e os sentidos do comum, do comunitário e da coletividade frente ao avanço neoliberal. No caso da chamada produção audiovisual pós-industrial, tais rasuras se dão nos níveis estético, discursivo e institucional: pessoas negras, mulheres, indígenas, migrantes, periféricas e dissidentes de gênero e sexualidade - com as interseccionalidades possíveis entre esses grupos - ocupam hoje diversos espaços com suas imagens imbuídas de desejo de intervenção social, de disputa por visibilidade e de superação de imaginários datados que contribuíram para perpetuar historicamente posições de assujeitamento e reificação de violências estruturais.

Essas produções situam-se em um espectro midiático bastante amplo, o que resulta em registros também muito distintos e constituídos de uma miríade de convocações éticas e estéticas na interface comunicação, mídia e consumo simbólico: vídeos amadores publicados em redes sociais para divulgação de lutas políticas; filmes produzidos por coletivos; cinemas negros; cinemas indígenas; cinemas de mulheres e audiovisuais produzidas por movimentos sociais no âmbito da comunicação

comunitária constituem algumas das materialidades e leituras possíveis para o fenômeno que se busca investigar com o dossiê.

A urgência do debate proposto revela-se no grande número de submissões que a chamada recebeu. Os artigos que compõem o dossiê, que foi desdobrado em dois volumes e terá publicação nos números 62 (setembro-dezembro de 2024) e 63 (janeiro-abril de 2025) da revista Comunicação, mídia e consumo, discutem como diferentes modos de produção articulam noções de comum, comunitário e coletividade, explorando uma miríade de procedimentos metodológicos e de aportes teóricos que visam dar conta de questões como ativismos nas redes sociais e imagens de violência, cinemas negros no Brasil, memórias coletivas na universidade e as relações entre arquivo e poder.

O texto *Nem presa, nem morta: visualidades do ativismo feminista como carrossel de telas no Instagram*, das autoras Angie Biondi e Rita Maria Radl-Philipp, traz uma grande contribuição para pensar a relação entre a performatividade das imagens e o ativismo feminista. O artigo mostra como a produção, circulação e consumo de imagens visa permitir táticas de reivindicação e protesto, considerando não apenas a visibilidade dos corpos e de suas demandas na rede de conversações políticas, mas também a criação de um tipo de visualidade que faz dialogar com as tecnologias móveis conectadas, o intenso uso das redes sociais digitais e a exposição das alianças coletivas feitas e refeitas nas ruas.

Em *Cinema negro brasileiro: identidade como lugar de invenção de novas comunidades*, Natasha Rodrigues e Gilberto Sobrinho, por meio dos Estudos Culturais, especialmente das contribuições de Stuart Hall, mobilizam a identidade racial como noção política basilar para os processos de fabulação e elaboração de comunidades transnacionais nos cinemas negros realizados no Brasil no século XXI, tendo como recorte os curtas-metragens *Liberdade* (2018, de Pedro Nishi e Vinícius Silva) e *Aurora* (2018, de Everlane Moraes). O artigo é resultante de pesquisa vencedora na categoria de melhor dissertação de Mestrado do prêmio de Teses e Dissertações 2024 da Socine - Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema Audiovisual.

O artigo das pesquisadoras Daniela Matos e Tais Lima Gonçalves Amorim da Silva, *Narrativas de si e a mise-en-scène de memórias coletivas na universidade: uma análise do documentário Caminhos Abertos*, propõe o estudo de audiovisuais como produtoras de memórias coletivas. Por meio de uma abordagem analítica sensível dos corpos, a pesquisa articula-se a um campo caro às pesquisas contemporâneas interessadas em produzir um olhar outro acerca de processos de reparação e rememoração social, atravessados por aportes midiáticos e pela dimensão do consumo simbólico, e marcados por territorialidades específicas.

Francine Altheman, com o trabalho *Cenas, fabulações e bricolagens: uma aposta teórico-metodológica descolonizadora para pesquisas em Comunicação*, busca oferecer um caminho teórico-metodológico para pesquisas em Comunicação. Partindo dos métodos da igualdade e da cena, propostos pelo historiador francês Jacques Rancière, a autora investe em uma espécie de bricolagem, reconstruindo cenas com as diversas peças disponíveis, o que envolve um reenquadramento do olhar e uma poética do conhecimento para que as cenas se descortinem, através de um processo anti hierárquico e descolonizador.

Em *Os excluídos do arquivo: fabulação e potências de fabricação da vida*, de Nuno Manna, Itania Maria Mota Gomes, Valéria Vilas-Boas e Thiago Emanuel Ferreira dos Santos se propõem a realizar um ensaio de contextualização radical da noção de arquivo para pensar o documentário de autoria indígena *NŨHŨ Yãg Mũ Yôg Hãm: Essa terra é nossa!*. Os pesquisadores refletem sobre questões da não neutralidade e da não universalidade do arquivo e sua relação com o contexto, de maneira a compreender a extensão e os sentidos da relação entre arquivo e poder.

O dossiê é fruto de uma parceria interinstitucional entre o Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM e o Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que resultou no projeto *Corpos da cenalem cena: imagens estético-políticas realizadas em coletividade no Recôncavo da Bahia e na Grande São Paulo*, financiado com recursos do Edital Universal do CNPq 2021. Desejamos que o conjunto de

textos trazidos pelos pesquisadores/colaboradores desta edição da revista *Comunicação, Mídia e Consumo* tragam importantes contribuições e reflexões acerca da produção, circulação e consumo de imagens produzidas em coletividade. Ao campo da Comunicação, esperamos ter ofertado, com este número, uma formulação epistemológica que se ampara não na partilha de conteúdos e/ou mensagens, mas nas partilhas das diversas formas de experienciar o mundo. Boa leitura e até a próxima edição!